O MULTICULTURALISMO E AS GIRIAS

CRISTIANE GUEDES DA SILVA

RESUMO

O presente artigo aborda reflexões sobre o multiculturalismo e as gírias, a fim de entender quais as dificuldades enfrentadas pelos docentes durante o processo de ensino aprendizagem ao atender tais diversidades, visando à integração de todos os alunos dentro de um contexto sócio/cultural no qual não sofram rejeição e/ou preconceitos. Identifica-se como principais problemas a forma como as diversidades são tratadas dentro da escola e de que forma influencia na escolarização do aluno. O principal objetivo desse artigo é compreender o que são diversidades culturais e de que maneira as escolas vêm trabalhando as giras. Os principais autores que norteiam esse artigo são MOREIRA e CANDAU, PAULO FREIRE e os PCNs. Esse artigo pretende contribuir para a compreensão da importância de metodologias que reconhecem as tradições culturais como experiências a serem desenvolvidas junto com os estudantes no contexto escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Multiculturalismo; Educação; Diversidades

ABSTRACT

This article deals with reflections on multiculturalism and girias, in order to understand the difficulties faced by teachers during the process of teaching learning to attend such diversities, aiming at the integration of all students within a socio-cultural context in which they do not rejection and / or prejudice. The main problems identified are how the diversity is treated within the school and how it influences the student's schooling. The main objective of this article is to understand what cultural diversities are and how schools have been working the tours. The main authors guiding this article are MOREIRA and CANDAU, PAULO FREIRE and the PCNs. This article aims to contribute to the understanding of the importance of methodologies that recognize cultural traditions as experiences to be developed with students in the school context.

KEYWORDS: Multiculturalism; Education; Activities.

INTRODUÇÃO

Nossa sociedade possui uma grande diversidade cultural, nossa maior riqueza. Aprendemos desde cedo com a nossa família "pequenas culturas" dentro das diversidades de nossa casa.

Na escola, há um choque cultural, já que compartilhamos com pessoas tão diferentes algumas horas do nosso cotidiano e de acordo com as regiões percebe-se que há uma grande quantidade de gírias, as quais não constam em dicionários da língua portuguesa, o que acaba ocasionando um grande problema nas avaliações e até em vestibulares, os quais exigem redações sem que os estudantes escrevam gírias.

Os docentes enfrentam dificuldades durante o ensino, uma vez que cada criança traz seus conhecimentos prévios, uma socialização com o mundo e suas particularidades, tais como as gírias de acordo com o ambiente familiar. Nesse contexto os docentes devem atender a todas essas crianças, garantindo-lhes um ensino de qualidade, diminuindo as dificuldades de aprendizagem e também evitando que as mesmas não sofram preconceitos e/ou rejeição pelo grupo.

Em um país tão rico culturalmente, ainda encontram-se dificuldades como expressões regionais e as gírias. Nas crianças, isso pode parecer sem importância, mas quando começam a escolarização em estados diferentes aos quais nasceram as dificuldades aparecem muito claramente, por meio da linguagem verbal, é nesse momento que os docentes têm a tarefa de transformar o ensino de forma a integrar atendendo a todos durante sua escolarização.

Então, a proposta deste trabalho é expor o multiculturalismo e as girias, compreendendo o que são e como os docentes podem atuar diante das diversas situações, analisando como as escolas vêm tratando o tema e demonstrando qual a importância do trabalho com as diversidades culturais, este artigo pretende assumir o compromisso de futuros docentes, que é atender a todas as crianças, oferecendo a elas um ensino de qualidade.

O objetivo desse artigo é contribuir para a compreensão da importância de metodologias que reconhecem as tradições culturais como experiências a serem desenvolvidas junto com os estudantes no contexto escolar.

Este artigo justifica-se pela emergência dos desafios colocados à educação para o trato com o multiculturalismo e a necessidade de espaços de formação continuada em escolas de forma a implantar os PCNs de modo articulado com a política estabelecida em tais documentos. No âmbito da gestão da mudança educacional, compreende-se que tal empreendimento ocorre não somente com o estabelecimento de normas, e sim com a mudança nas relações construídas pelos sujeitos protagonistas,

os quais desenvolvem as gírias de acordo com o ambiente ao qual vivem.
Deste modo, a necessidade de reflexão sobre relações multiculturais de gênero e as gírias coloca-se como uma justificativa fundamental para a realização deste artigo, de modo a atingir o objetivo geral de compreensão dos discursos multiculturais que podem emergir no espaço escolar.

A CULTURA E SEU ESPAÇO NA SOCIEDADE

Segundo FARIAS (2012, p. 32) "cultura é o conjunto de manifestações artísticas, sociais, linguísticas e comportamentais de um povo ou civilização". Portanto, fazem parte da cultura de um povo as seguintes atividades e manifestações: música, teatro, rituais religiosos, língua falada e escrita, mitos, hábitos alimentares, danças, arquitetura, invenções, pensamentos, formas de organização social, etc. Uma das capacidades que diferenciam o ser humano dos animais irracionais é a capacidade de produção de cultura, desse modo reproduzindo gírias, as quais não fazem parte do dicionário da língua portuguesa, o que pode ocasionar em problemas futuros de escrita.
O Brasil, por apresentar uma grande dimensão territorial, possui uma vasta diversidade cultural. Os colonizadores europeus, a população indígena e os escravos africanos foram os primeiros responsáveis pela disseminação cultural no Brasil. Em seguida, os imigrantes italianos, japoneses, alemães, árabes, entre outros, contribuíram para a diversidade cultural do Brasil. Aspectos como a culinária, danças, religião são elementos que integram a cultura de um povo.
Geralmente as pessoas costumam associar cultura exclusivamente a grau de estudos, mas, no entanto, ela abrange muito mais que isso. Cultura é tudo aquilo que dá sentido ao mundo que cerca um determinado indivíduo ou grupo de indivíduos, assim, fazem parte da cultura de um povo, elementos como, a religiosidade, a definição dos valores morais, idioma que falam o grupo étnico a que pertencem à história da sociedade na qual está inserido o indivíduo etc.
A cultura não se resume apenas a conhecimentos, é ela uma rede complexa de elementos que dão significado ao mundo de um indivíduo, composta de diversos elementos e que caracteriza os povos pelo conjunto de fatores que compõe a sua sociedade.
Tudo que produzimos se torna nossa identidade cultural onde todos fazem parte incorporando no nosso dia a dia. Levamos para cada lugar no nosso meio com amigos, na escola com os professores e a alunos e na sociedade aonde compartilhamos, a nossa identidade cultural.

DIVERSIDADE CULTURAL

Conforme pesquisa no site da FEUSP FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO o Brasil é um país cuja principal marca cultural é a mistura. Desde o começo de sua história, o país foi marcado pela presença de diferentes povos e culturas, fazendo com que sua formação tivesse grande diversidade e mistura. Aqui viviam povos indígenas, em tribos, com uma cultura guerreira, muito ligada à natureza; em 1500 chegaram os colonizadores portugueses, que trouxeram para cá a cultura europeia, com uma forte influência moura. O uso do negro africano como escravo na colônia, trouxe ainda novas crenças, falas e costumes, que os poucos foram se misturando e integrando a cultura local. Posteriormente, com o fim da escravidão, diversos outros povos ainda vieram para o país, como italianos, japoneses e alemães, cada um acrescentando ao Brasil um novo detalhe cultural. Com toda essa miscigenação de povos e culturas, não é de se estranhar que o Brasil tenha na sua língua, costumes, religião e manifestações culturais traços únicos, que podem se assemelhar a outras culturas do mundo, mas que sempre tem seus detalhes particulares.
Apesar de aqui se falar o Português, Brasil e Portugal possuem algumas diferenças entre suas línguas. O português brasileiro traz a essência de Portugal, mas incorporou termos da fala das tribos indígenas e dos povos africanos.
No início do período colonial, o número de índios era muito maior que o de portugueses, por isso, a língua Tupinambá, indígena, era a mais usada e dela derivou a língua geral, que era aqui usado até o início do século XVII. Quando os portugueses começaram efetivamente a ocupar o território brasileiro, o português passou a ser língua mais usada, mas já incorporando algumas palavras indígenas. Com o início do tráfico negreiro, detalhes das línguas africanas começaram a se misturar ao português.
Hoje em dia, o português brasileiro é muito diferente do de Portugal e possui diversas alterações regionais, como o caipira (das regiões interioranas), o carioca (do Rio de Janeiro), o mineiro (de Minas Gerais), o gaúcho (do Rio Grande do Sul) e outros.
Entre as palavras herdadas do tupi, destacam-se os nomes de pessoas, como Araci, Iara, nome de estados e formações naturais, como Ceará e Ipanema, algumas doenças como catapora, e substantivos ligados à natureza, como mandioca e urupema.
O Brasil é marcado por uma grande diversidade de religiões, assim como pela liberdade de escolha e pela tolerância. A maior parte da população, 60%, é católica, uma das maiores heranças de Portugal. Mas muitas outras religiões se manifestam por aqui.

Mais recentemente, começou a se manifestar no país o espiritismo, e hoje o Brasil concentra o maior número de espíritas do Mundo.
O protestantismo também possui muito espaço aqui, sendo a segunda religião em adeptos; caracteriza-se pela livre interpretação da bíblia e pela grande variedade de denominações e grupo. Também estão muito presentes as religiões afro-brasileiras, formadas por religiões trazidas da África pelos escravos e também pelo sincretismo de religiões. O candomblé é um exemplo, com cultos, cantos e danças sobreviventes da África Ocidental. Há também a Umbanda, um misto de candomblé, com catolicismo e espiritismo.
Existem ainda manifestações de muitas outras religiões, vindas dos mais diversos lugares do mundo, como o islamismo, o judaísmo.
Durante os primeiros séculos de colônia, a arte no Brasil estava intimamente ligada à portuguesa, com os movimentos artísticos europeus, como o renascimento, maneirismo, barroco, rococó e neoclassicismo.
Mas mesmo neste período uns toques típicos da cultura que aqui se formavam já se manifestavam, um exemplo são as esculturas de Aleijadinho nas igrejas de Minas Gerais ou os anjos negros nas pinturas de Manuel da Costa Ataíde.
No início do século XIX, as artes começam a ser ensinadas academicamente, e cada vez mais características nacionais, e nacionalistas, foram incorporadas, tendo como principal manifestação o romantismo, que exaltava as terras e o povo brasileiro. Até o século XX, as artes brasileiras acompanharam as correntes europeias, colocando um pouco do Brasil nelas, passando assim pelo realismo, naturalismo, simbolismo e parnasianismo, e criando grandes nomes na literatura, na pintura, na música, na escultura.
No século XX a arte no país renovou-se completamente, com o movimento Modernista, que quis criar uma arte genuinamente brasileira, buscando sua fonte na cultura popular. Esse movimento foi marcado pela Semana de Arte Moderna de 1922, quando seus principais trabalhos foram exibidos.
Os artistas desta fase, como Villa Lobos, Tarsila do Amaral, Anita Malfatti e Di Cavalcante, são ainda grandes nomes da cultura brasileira.
É claro que não se pode esquecer-se da cultura popular do país e de toda a arte que produz, seja na literatura, com histórias e contos folclóricos de origem indígenas; seja nas artes plásticas, com trabalhos em cerâmica; ou seja na música e na dança, onde deixa seus principais traços, criando ritmos e festivais únicos, como a bossa nova, o samba e o carnaval.

A EDUCAÇÃO, O MULTICULTURALISMO E AS GÍRIAS

Vários são os problemas que enfrentamos no cotidiano escolar: a qualidade da educação, as questões de currículo, os projetos-pedagógicos, as relações professor-aluno e escola com a comunidade, a indisciplina, a violência dentro da escola, entre outros.
Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítico é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a “outredade” do “não eu” ou do “tu”, que me faz assumir a radicalidade do meu eu. (PAULO FREIRE, 1996 p. 46)

Portanto, percebe-se que os educadores precisam assumir-se como seres sociais, aos quais estejam abertos a escutar seus alunos e atuarem como mediadores no processo ensino aprendizagem, respeitando as diferenças culturais.
De acordo com GIMENO SACRISTÁN, conforme citam MOREIRA e CANDAU (2010, p.14):

A diversidade na educação é ambivalência, porque é desafio a satisfazer, realidade com a qual devemos contar e problema para o qual há respostas contrapostas. É uma chamada a respeitar a condição da realidade humana e da cultura, forma parte de um programa defendido pela perspectiva democrática, é uma pretensão das políticas de inclusão social e se opõe ao domínio das totalidades únicas do pensamento moderno. Uma das aspirações básicas do programa pro diversidade nasce da rebelião ou da resistência às tendências homogeneizadoras provocadas pelas instituições modernas regidas pela pulsão de estender um projeto com fins de universalidade que, ao mesmo tempo, tende a provocar a submissão do que é diverso e contínuo ‘ normalizando-o” e distribuindo-o em categorias próprias de algum tipo de classificação. Ordem e caos, unidade e diferença, inclusão e exclusão em educação são condições contraditórias da orientação moderna [...] A modernidade abordou a diversidade de duas formas básicas: assimilando tudo que é diferente a padrões unitários ou “segregando-o” em categorias fora da “normalidade” dominante.

Pode-se perceber a grande preocupação em equilibrar a diversidade dos alunos com o cumprimento

do currículo, sendo assim, é necessário que se estabeleçam práticas educativas que ao mesmo tempo em que atenda as diversidades, possibilite uma integração cultural com os conteúdos do currículo.
Para PEREZ GÓMES, apud MOREIRA e CANDAU (2010, p.15-16):

[...] alunos e alunas aprendem em sua vida escolar é este vivo, fluido e complexo cruzamento de culturas que se produz na escola, entre as propostas da cultura crítica, alojada nas disciplinas científicas, artísticas e filosóficas; as determinações da cultura acadêmica, refletidas nas definições que constituem o currículo; os influxos da cultura social constituída pelos valores hegemônicos do cenário social; as pressões do cotidiano da cultura institucional presente nos papéis, nas normas, nas rotinas e nos ritos próprios da escola como instituição especifica; e as características da cultura experiencial adquirida individualmente pelo aluno através da experiência nos intercâmbios espontâneos com seu meio.

Portanto, a multiculturalismo está presente no cotidiano da nossa sociedade e os educadores não devem continuar a negar as diferenças culturais, pois tal negação seria afastar a criança e o jovem de seu mundo simbólico, do que conhece e faz sentido para ele.
Em alguns países, como Espanha e França as gírias são conhecidas como linguajar característico de ladrões, assassinos, dentre outros. De acordo com Burke e Porter (1997, p.23), a linguagem dos mendigos, ladrões e outros não é só diferente, é particular, um meio de comunicação que o público, incluindo as possíveis vítimas e a polícia, poderiam ouvir por acaso mas seriam incapazes de decodificar.(grifo nosso) Uma formulação notável dessa teoria do jargão como mecanismo de defesa pode ser encontrada em um documento que afirma registrar o interrogatório de um certo Girolano, preso por mendicância em Roma em 1595, no qual o prisioneiro fala de uma assembleia geral de mendigos convocada para “mudar o jargão” (mutare il gergo del parlare) porque ele se tornara conhecido de um número expressivo de pessoas.

Vale ressaltar que para os autores as gírias têm as mesmas características que o Jargão, os quais fazem parte do multiculturalismo.

ABORDADEGENS DIVERSAS DO MULTICULTURALISMO

O multiculturalismo nasce por meio das várias lutas dos grupos sociais que ao longo da história do nosso país, sofreram discriminação e exclusão. A própria incorporação da pluralidade cultural nos temas transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 122), se deu por meio de muita pressão dos movimentos sociais:
É sabido que, apresentando heterogeneidade notável em sua composição populacional, o Brasil desconhece a si mesmo. Na relação do país consigo mesmo é comum prevalecerem vários estereótipos, tanto regionais quanto em relação a grupos étnicos, sociais e culturais. Historicamente, registra-se dificuldade parasse lidar com a temática do preconceito e da discriminação racial/étnica. O país evitou o tema por muito tempo, sendo marcado por “mitos” que veicularam uma imagem de um Brasil homogêneo, sem diferenças, ou, em outra hipótese, promotor de uma suposta “democracia social”.
Uma dificuldade que ainda encontramos, é na definição de multiculturalismo, então, iremos distinguir duas abordagens fundamentais: a primeira é a descritiva e a outra propositiva. Na descritiva, acredita-se que o multiculturalismo é a descrição e compreensão de cada contexto histórico, politico e sociocultural. Já a propositiva entende multiculturalismo não apenas como forma de compreensão da realidade de cada contexto, mas também, como atuação e transformação de modo a estabelecer relações culturais em uma sociedade, para que haja radicalização democrática e estratégias pedagógicas.
Gonçalves (1999, p. 101-102) denota que:

[...] para se lidar com o heterogêneo na escola cabe primeiro reconhece-lo como produto de uma construção histórica. Nesse sentido, ele não pode ser entendido como fruto de um arbitrário social ou de escolhas pessoais. O heterogêneo consagra formas de convivência, interações sociais, valores, saberes, costumes, que são coerentes com praticas e significados construídos historicamente em diferentes campos de luta politica e no interior de organizações sociais de relacionamento assimétricos entre suas partes. Uma comunicação intercultural que não tem, pois, como ser harmônica.

De forma moduladora como acontecia o processo de escolarização, não permitia ao aluno uma reflexão, e nem levando em conta suas experiências vivenciadas no cotidiano, levando-o ao formalismo estereotipado da cultura escolar.
Reconhecer os vários recortes dentro da ampla diversidade cultural, é lutar pelo respeito à diferença, é enfrentar o desafio para que todos os grupos sociais e culturais sejam respeitados, que haja uma troca de experiências e seus direitos de cidadania garantidos. A escola tem um papel de fundamental importância nesse sentido, pois é exatamente lá em que as diferentes culturas se encontram, assim, como educadores somos chamados à romper com

a visão pequena de “cultura escolar” em estabelecer padrões culturais, que acaba contribuindo mais para a exclusão, do que garantindo uma educação democrática e de qualidade.
Reconhecer as diferenças não é fácil, mas devemos respeita-las e aceita-las, romper com preconceitos e estereótipos sem fundamentação.
[...] Tendemos a uma visão homogeneizadora e estereotipada de nós mesmos, em que nossa identidade cultural é muitas vezes vista como um dado “ natural”. Desvelar esta realidade e favorecer uma visão dinâmica contextualizada e plural de nossas identidades culturais é fundamental, articulando-se a dimensão pessoal e coletiva destes processos. Ser conscientes de nossos enraizamentos culturais, dos processos de hibridização e de negação e silenciamento de determinados pertencimentos culturais, sendo capazes de reconhecê-los, nomeá-los e trabalha-los constitui um exercício fundamental. (MOREIRA e CANDAU, 2010, p. 26).

Dessa forma, é fundamental que haja um processo de socialização entre os alunos, a troca de experiências, o envolvimento, para que todos se reconheçam, conheçam a origem um do outro, suas raízes culturais, seus contextos de vida, para que não aconteça exclusão e tão menos a negação das identidades culturais, ao contrario, que esses alunos possam refletir e serem capazes de construírem suas próprias identidades do ponto de vista cultural, e também, a partir da valorização das diferenças, da interação entre elas implicará a aproximação entre as experiências culturais e a escola, o desenvolvimento da auto estima, o mal estar por se sentir “um peixe fora d’água”, e diminuir o problema da dificuldade de aprendizagem, além da indisciplina e a redução dos preconceitos.

CONCLUSÃO

Neste artigo foi abordado o tema “Multiculturalismo e as gírias”. Em nenhum momento houve a intenção de obter resultados conclusivos e/ou definitivos, mas sim de refletir criticamente sobre o assunto, não somente na questão dos educandos, considerando cada um com suas características próprias, seus contextos culturais, mas também da relação do professor com o aluno nessa dinâmica, principalmente de sua prática no processo de aprendizagem e transformação.
A principal conclusão é a da séria necessidade de dar voz aos alunos, voz ativa às suas experiências de aprendizagem, desenvolvendo ações que estejam de acordo com as questões da realidade, principalmente as práticas em sala de aula. Ver os alunos como agentes coletivos, cada qual com suas singularidades que não podem ser desprezadas ou negadas; é criar condições para que dentro da escola, todos encontrem a oportunidade de se tornarem cidadãos críticos, e que possam agir democraticamente em busca da emancipação da sociedade, mostrando que as gírias em alguns momentos podem prejudicar o desenvolvimento da linguagem verbal adequada.
Por meio desse artigo compreende-se o que são diversidades culturais e como aplica-las em sala de aula, além de refletir sobre o uso da língua portuguesa e as influências das gírias. É possível compreender também sobre importância do multiculturalismo, comprovando assim a hipótese de que trabalhar com as diversidades é quebrar com os antigos paradigmas e caminhar rumo a uma educação de mais qualidade para todos.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli (org.). Pedagogia da diferenças na sala de aula, Editora Papirus, São Paulo, 1999.
BURKE, Peter; PORTER, Roy (orgs.) Línguas e Jargões: contribuições para uma história social da linguagem. São Paulo: UNESP, 1997.
BRASIL, MEC <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pluralidade.pdf >acesso em 13 de abril de 2019.
BRASIL, MEC <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf> acesso em 13 de abril de 2019
FARIAS, M.S. “Cultura e Identidade Cultural”. Maio de 2012. <http://livredialogo.blogspot.com.br/ >acesso em 13 de abril de 2019.
FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa, Editora Paz e Terra, são Paulo, 1996.
GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira e SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. O jogo das diferenças: O multiculturalismo e seus contextos, Editora Autêntica, Belo Horizonte, 2002.
GONÇALVES, Maria Alice Rezende (org.). Educação e Cultura: pensando em cidadania, Editora Quartet, Rio de Janeiro, 1999.
MOREIRA, Antonio Flávio e CANDAU, Vera Maria (orgs.). Multiculturalismo, Editora Vozes, Rio de Janeiro, 2010.
OLIVEIRA, Lucinete Ornagui de, SILVA, Francisca de Assis. <http://books.google.com.br/books?isbn=8571399530> acesso em 12 de abril de 2019.
REGO, Tereza Cristina in: AQUINO, Julio Groppa (org.). Diferenças e Preconceitos na Escola: alternativas teóricas e práticas, Summus editorial, São Paulo, 1998.